

CPI - FURP - FUNDAÇÃO PARA O REMÉDIO POPULAR

22.10.2019

CPI - FURP - FUNDAÇÃO PARA O REMÉDIO POPULAR

22.10.2019

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Bom dia a todos. Havendo número regimental, declaro aberta a 25ª reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito constituída pelo Ato nº 47, de 2019, com a finalidade de apurar denúncia de irregularidades afetas à gestão da Fundação para o Remédio Popular - Furp -, envolvendo os casos de corrupção no contrato para construção da fábrica de medicamentos, bem como para averiguar a reprovação das contas anuais da entidade pelo TCE e a ausência de planejamento de impactos da judicialização das demandas para fornecimento de medicamentos de alto custo.

Registro, com muito prazer, a presença dos nobres deputados Agente Federal Danilo Balas, Beth Sahão, Cezar, Thiago Auricchio e Edmir Chedid. Solicito à secretária a leitura da Ata da reunião anterior.

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Sr. Presidente, solicito, conforme o Regimento, a dispensa da leitura da Ata.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - É regimental o pedido de Vossa Excelência. Está dispensada a leitura da Ata.

Temos prevista, hoje, a oitiva do Sr. Luiz Roberto Beber, ex-funcionário da Furp e engenheiro que antecedeu o Sr. Ricardo Luiz Mahfuz no acompanhamento da execução do contrato da obra da fábrica de Américo Brasiliense. Peço, então, ao Sr. Luiz Roberto Beber que se dirija ao nosso lado direito. Desde já, agradecemos a sua presença aqui na CPI.

Sr. Luiz Roberto Beber, tem um texto a ser lido aqui, como é de praxe da Casa, como determina a nossa legislação. Passo então a fazer a leitura, com um termo de compromisso para preencher e assinar:

“Sr. Luiz Roberto Beber, o senhor foi convocado a comparecer a essa Comissão Parlamentar de Inquérito constituída com a finalidade de apurar denúncias de irregularidades afetas à gestão da Furp, envolvendo o caso de corrupção no contrato para a construção da fábrica de medicamentos, bem como para averiguar a reprovação das contas anuais da entidade pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo e a ausência

de planejamento de impactos da judicialização das demandas para o fornecimento de medicamentos de alto custo.

E, como testemunha, com fundamento nos Arts. 203 e 218, ambos do Código de Processo Penal, combinados com o parágrafo 2º, Art. 13, da Constituição do Estado de São Paulo, e Art. 3º da Lei Estadual nº 11.124, de 10 de abril de 2002, bem como as demais normas constitucionais e infraconstitucionais aplicáveis à espécie, cumpre-nos adverti-lo de que deve dizer a verdade, não podendo fazer afirmações falsas, calar ou negar a verdade a respeito dos fatos de seu conhecimento, por incorrer no crime previsto no Art. 4º, inciso II, da Lei Federal nº 1.579, de 18 de março de 1952.”

Eu passo ao senhor um termo para o senhor preencher, por gentileza.

Há sobre a mesa um ofício da liderança do PSD, do nobre deputado Alex de Madureira, justificando a sua ausência nessa reunião das 11 horas, por motivos de outros compromissos agendados anteriormente.

Da mesma fora, o nobre deputado Delegado Olim também tem compromissos assumidos externos à Casa. Justificada a ausência dos dois Srs. Deputados.

Há sobre a mesa, também, um ofício do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas, Farmacêuticas, Abrasivos, Material Plástico, Tintas e Vernizes de Guarulhos e Mairiporã. Passo a fazer a leitura:

“O Sindicato dos Trabalhadores, já nominado, entidade sindical de primeiro grau, entidade supra legítima representando os trabalhadores da Furp, vem acompanhando a CPI de inquérito, e consignamos que estamos bastante preocupados com o que vem sendo veiculado pela mídia quanto à intenção do governador do estado de São Paulo e demais representantes do estado quanto ao futuro da Furp.

Desde a sua criação, a Furp tem a finalidade de ser a coluna de sustentação da política de Saúde do estado de São Paulo. Acredito que o Sr. Presidente também tenha o conhecimento de que a Furp tem papel importante junto ao Ministério da Saúde. E afirmamos que ela, a Furp, tem plena capacidade de fabricação, como os seus empregados têm competência e conhecimento técnico para dar continuidade à fabricação de medicamentos.

Como dito acima, a entidade sindical está preocupada com o direcionamento que o governo do estado está dando à Furp e, por essa razão, solicita ao ilustre presidente que nos forneça a cópia integral de todas as audiências realizadas até a presente data pela CPI.

Solicita, ainda, em caráter de urgência, a designação de audiência para que os trabalhadores da Furp também sejam ouvidos por essa ilustre Comissão Parlamentar de Inquérito.

Assina o Sr. Presidente, Antônio Silvan Oliveira.”

Também há sobre a mesa um ofício, de número 3.630, do Gedec Ministério Público, do procurador-geral de Justiça, Gianpaolo Smanio:

“Sr. Deputado, nos termos do Art. 104, parágrafo 5º, da Lei Complementar Estadual nº 734, de 26 de novembro de 1993, encaminho a V. Exa. o pedido de *irreteração* (*sic*) contido no ofício de número 527, de 2019, anexo, do Grupo Especial de Repressão de Delitos Econômicos - Gedec -, subscrito pelo promotor de Justiça Marcelo Mendroni.”

O ofício do promotor de Justiça Marcelo Mendroni:

“Sr. Deputado, pelo presente, a fim de instruir os autos do procedimento em epígrafe, solicito informações atualizadas sobre o andamento das investigações realizadas no âmbito da CPI Furp, encaminhando-se a este Gedec as respectivas cópias.”

Há também sobre a Mesa o ofício nº 750, de 2019, do Poder Legislativo da Câmara Municipal de Guarulhos:

“Sr. Deputado, vimos, através do presente, informar que em sessão ordinária realizada no dia primeiro de outubro de 2019, o plenário desta edilidade aprovou a moção de apoio nº 2.949, de 2019, de autoria dos nobres vereadores Janete Pietá, Professor Jesus, Romildo Santos e Rafa Zampronio, cuja propositura segue anexa:

A continuidade do funcionamento da fábrica da Furp, pelos motivos a seguir narrados. A Furp, maior fabricante pública de remédios do Brasil, é indispensável para o SUS; seja impedido que as empresas farmacêuticas que sabiamente atuam de forma cartelizada subam os preços de forma descabida.

Os preços dos remédios, seja fornecendo a cesta básica de remédios aos municípios menores, seja atendendo as demandas de urgência do Ministério da Saúde, da Secretaria de Estado da Saúde, das secretarias municipais de Saúde, como ocorreu quando da epidemia de gripe suína, quando a Furp desdobrou-se para produzir medicamentos, seja nos surtos de meningite ou no controle de tuberculose.

A Furp e sua unidade em Guarulhos garantem 879 empregos diretos e centenas de outros indiretos. A dedicação e empenho dos seus funcionários têm garantido um serviço de qualidade a preços competitivos.

Dessa forma, desta moção dê ciência ao Ilmo. Sr. Governador João Doria; ao secretário de Saúde, Dr. Henrique Germann Ferreira; ao presidente da CPI, Edmir Chedid;

e ao representante dos trabalhadores e presidente da comissão de funcionários, Alexander Rodrigues.”

O Dr. Luiz Roberto aqui acaba de assinar o termo de compromisso como depoente. Como é de praxe, primeiro agradecer a presença (Ininteligível.) aqui e passar a palavra para o senhor, para o senhor fazer uma explanação daquilo que o senhor acha que deve ser feito em função do conhecimento que o senhor teve quando atuou no início da construção lá da fábrica de Américo Brasiliense.

Acho que o senhor pode contribuir muito conosco, para que a gente tenha a origem da construção da fábrica, até onde o senhor acompanhou e detalhes de tudo que a CPI vem investigando aqui. Passo a palavra ao senhor.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Bom dia.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Se o senhor puder falar bem próximo ao microfone...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Bom dia, Sr. Presidente, senhores deputados, demais presentes, eu realmente fiquei 13 anos afastado da Furp. Somente agora tomei conhecimento do assunto em função dessa CPI, tomei o cuidado de assistir aos depoimentos quando fui convocado, e estou à disposição para esclarecer.

Eu fiz uma ajuda a memória porque, realmente, há muito tempo que eu estou longe da Furp. Então eu anotei algumas coisas que, se vocês me permitirem, eu vou consultar e vou passar a relatar o início das minhas funções na Furp. Depois disso, eu creio que o objetivo é saber sobre Américo Brasiliense, eu me coloco à disposição, dentro do possível, dentro daquilo que eu possa esclarecer, estarei à disposição dos senhores.

Eu fui convidado a assumir um posto na Furp em outubro de 2003, apresentei meu currículo, fui sabatinado pelo conselho, em seguida fui contratado. Fui contratado no dia 1º de outubro de 2003.

Imaginei à época, que foi o convite que eu fiz, que era para a construção de um laboratório farmacêutico em Américo Brasiliense, mas existiam outras atividades, bastante inclusive. Tinha duas obras que encontravam-se paralisadas e abandonadas no próprio complexo da Furp em Guarulhos. Uma era o prédio de... o nome que se dava ao prédio é Prédio 25, mas o prédio de fabricação de antirretrovirais que são os medicamentos para cura de Aids, e o outro era a linha de produção de sólidos, que estava

totalmente desativada, sucateada mesmo, estava até sem telhado, e algumas outras obras. Desta... a primeira.... primeiro que eu não tinha funcionários, não é? Eu assumi a assistência técnica de engenharia da Furp, tinha dois contratados da Uniemp, dois profissionais da área de engenharia terceirizados e três estagiários que a Furp me cedeu: dois da área de arquitetura e um estagiário da área de secretariado. E assim nós começamos o trabalho.

O primeiro trabalho foi cancelar todas as licitações das obras paralisadas, que estavam abandonadas, fizemos uma nova licitação para Sólidos II, concluímos o laboratório de Sólidos II e logo após foi o período recorde da Furp.

Após a conclusão de Sólidos II, a Furp começou a produzir 2,5 bilhões de unidades farmacêuticas/ano, com uma única fábrica. Hoje tem três fábricas, não é? A de Sólidos II, antirretrovirais e a da Américo e produz 500 mil, se eu não me engano, pelo menos pelas notícias que eu li.

Então, aquele ano foi o recorde. Depois dessa fábrica tive um pouco de dificuldade de colocar em ordem a fábrica de antirretrovirais porque ela tinha recursos do governo federal, do Ministério da Saúde, foi levada a bom termo, e também licitamos e, quando eu saí, ainda estava em construção a fábrica de antirretrovirais.

Além dessas outras construções menores, a iluminação de todo o complexo, porque tinha período de trabalho noturno e não tinha iluminação, pátio de estacionamento, enfim, outras obras, a estação de tratamento de efluentes que também quando eu saí ainda estava em construção.

Agora, de Américo Brasiliense, eu aguardo as perguntas, mas só para antecipar, quando eu cheguei existia o projeto de obra civil da construção da fábrica: projeto de arquitetura e de engenharia. Não existia o projeto. Existia o projeto conceitual feito pela Farmaplan, que define o conceito da fábrica, como vai ser a linha de produção da fábrica e o projeto de engenharia. Não existia o projeto mais complexo, que era o de sistemas farmacêuticos e o de utilidades; todas as utilidades, ainda não existia um projeto. Projeto de hidráulica. Elétrica, gases, vapor, enfim, todos, ar-condicionado principalmente, que é o... acho que é o ponto crítico de um laboratório farmacêutico é o ar-condicionado.

Enfim, esses projetos tinham que ser desenvolvidos. Então, estrategicamente se definiu colocar em licitação a primeira etapa, que é construir o prédio e a etapa seguinte, que era as linhas de produção farmacêutica, seria desenvolvido o projeto durante a construção da primeira etapa e depois licitada a segunda. Assim foi feito sem maiores intercorrências, não é?

A primeira etapa foi licitada por preço base CPOS 23 milhões, a empresa que ganhou, ganhou por 16, executou de uma maneira satisfatória dentro do prazo, sem problema nenhum. E foi no período que foram desenvolvidos os demais projetos e colocado em licitação. A fase da segunda etapa que - deixa eu fazer um parêntese - a segunda etapa é “turning key”. Na verdade, não foi 125 milhões de obras. Ela era chave na mão. Então, todos os sistemas farmacêuticos, todos já estavam nessa etapa e a fábrica seria entregue para começar a produzir. Então, essa etapa, acho se não me engano são 13 meses, a licitação foi concluída em novembro de 2005, e foi dado início, o vencedor foi o consórcio e foi dado início às obras em novembro de 2005 com previsão de conclusão de 13 meses.

Esses 125 milhões praticamente metade não era um dinheiro que ia para a empreiteira. Metade era para a aquisição do sistema farmacêutico, quase todos eles importados, fabricados em países que têm tecnologia, Suíça, Alemanha, Itália, acho que na França também e esses equipamentos eram pagos diretos pela Furp, não passavam pela empreiteira. Eram feitas cartas de crédito, à medida que os equipamentos chegavam era feito a carta de crédito e a Furp pagava em nome dela. E depois até explico porque era pago em nome da Furp. Então, metade desse valor, praticamente, era a Furp que adquiria direto dos fornecedores, que a maior parte eram internacionais. Falei sobre o meu currículo, sobre a minha profissão. Se os senhores tiverem interesse. (Pausa.)

Eu sou um funcionário de carreira da prefeitura do município de São Bernardo do Campo e me afastei por dois períodos. Um deles para trabalhar no Ministério da Fazenda, ainda na administração do presidente Itamar Franco e a outra para trabalhar na Furp. Depois aposentei, fiquei um tempo parado e agora voltei à atividade. Estou fazendo em uma equipe que estava construindo um hospital, já termino o mês que vem, o segundo começa dentro de alguns meses, e mais algumas obras. Mas essa acho que é a última atividade profissional minha. Estou encerrando a carreira.

Sou engenheiro civil. Todas as minhas passagens, tanto pela prefeitura, Ministério da Fazenda, a Furp e agora na UGP do BID, que é o Banco Interamericano de Desenvolvimento, sempre voltado à gestão de obra pública.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Muito bem. Agradecer as suas considerações iniciais. Passo então a palavra à nobre deputada Beth Sahnão, que já se inscreveu para o tempo regimental.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Bem, agradecer a presença do senhor Luiz Roberto. Então o seu cargo, hoje, na prefeitura, já não é mais um cargo de funcionário concursado. Está como nomeado. A pessoa se aposentou.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu me aposentei, eu voltei agora há pouco tempo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor voltou agora na administração do prefeito Orlando Morando.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso, mas não no começo. Voltei em março de 2017. Existe um programa que é um financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento para a área de Saúde. Então, eu trabalho na área de Saúde.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor trabalha na área de construção, é isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Construção.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Está sendo construído lá um ...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não é só construção. Na verdade, eu sou coordenador de todo o projeto. Esse projeto inclui construção, inclui área de TI e inclui a área de Saúde. Também tem uma boa fatia desse financiamento do BID voltado para a área de Saúde, e eu coordeno essa área toda também.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - É um hospital que está sendo construído?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não só um hospital. Nós concluímos um Caps, de mil metros quadros, Centro de Apoio Psicossocial. Estamos na metade da construção de um segundo Caps. Nós construímos agora, termina daqui 30 dias, um hospital de 23 mil metros quadrados que, por sinal, passou uma matéria sobre ele no “Fantástico”, quando do incêndio do hospital do Rio de Janeiro. O “Fantástico” fez uma matéria no hospital, em função de prevenção de incêndio, que nós estamos adotando lá.

Estamos começando o Hospital da Mulher. Creio que a licitação dentro de 30 a 60 dias será colocada na rua. E outras atividades. Na área de Saúde nós estamos desenvolvendo linhas de cuidado de diabetes, de hipertensão.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas o senhor é engenheiro.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Sou engenheiro, mas coordeno a equipe toda.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Quando o senhor foi trabalhar na Furp, o senhor ficou de 2003 a 2007?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso. Eu saí praticamente ...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Para eu compreender direito. O senhor era funcionário efetivo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, eu já estava afastado da prefeitura.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Afastado e aposentado?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, desculpe, eu estava na prefeitura em cargo comissionado. Fui convidado pelo Dr. Edson Nakazone a ir para a Furp. O Edson Nakazone era o superintendente.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Como era a sua relação com ele, o senhor já o conhecia?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O Edson? Sim, ele foi secretário de Saúde quando eu fui secretário de Obras, secretário de Habitação, secretário do Meio Ambiente.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Lá em São Bernardo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Em São Bernardo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Ele foi secretário de Saúde em São Bernardo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Em São Bernardo. Eu construí um hospital na época, desculpe, minha equipe construiu um hospital na época, e ele era secretário de Saúde, e eu, secretário de Obras.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Quem era o prefeito na época?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Maurício Soares, do PT. Desculpe, na época não era do PT, ele era do PSB.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Do PSB. E o senhor trabalhava, antes disso, na prefeitura?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor também deixou a prefeitura para trabalhar no Ministério da ...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Da Fazenda.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Da Fazenda. Quanto tempo o senhor ficou no Ministério da Fazenda?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Acho que um ano e pouco. Fui convidado pelo colega de vocês, que foi deputado aqui, Fernando Lessa. Ele era delegado administrativo do Ministério da Fazenda do Estado de São Paulo, e umas obras também ele queria concluir. Eu fui para lá, para fazer as obras.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O Nakazone também voltou para a prefeitura de São Bernardo. Vocês retornaram tudo à antiga atividade, e hoje ele é o secretário adjunto de Saúde.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ele é secretário adjunto de Saúde.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Vocês têm amigos, têm relações profissionais, relações de amizade ou profissional, como é que ... para ele ir para a Furp.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Se convidaram, é porque deve ter uma relação mais sólida.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A relação à época era profissional, quando ele era secretário de Saúde, eu construí o hospital, o HMU, Hospital Municipal Universitário. Passou a ser uma relação de amizade posteriormente, depois que eu trabalhei na Furp também, depois disso. Não foi ele que me convidou para voltar para a prefeitura agora, e sim o secretário de Saúde, que é o Dr. Geraldo Reple Filho. Fui convidado pelo secretário de Saúde, fiz uma entrevista com ele, apresentei meu currículo, eles avaliaram, e eu assumi o posto de gestor do contrato.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E o Victor Hugo Travassos, o senhor conhece? Não? Nunca teve relação com ele? Nenhuma, nem profissional?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não conheço. Não sei nem onde trabalha, se é da prefeitura, o que é.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor disse que teve participação na construção. Essa fábrica, etc., é Farmaplan que o senhor disse?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, quando eu cheguei esse projeto já estava pronto. É um projeto conceitual, é um projeto só de como, quantas linhas de produção vai ter de sólidos, quantas de injetável, quanto é de líquido, só o conceito da fábrica. Esse estava pronto.

Uma firma de Minas Gerais, de que eu não lembro o nome, estava fazendo os projetos de engenharia, de arquitetura e de engenharia. Esse estava na fase final.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Essa firma de Minas Gerais havia sido contratada pela Furp? É isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Sim, para fazer o projeto da Furp Américo Brasiliense.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Furp Américo Brasiliense. Falando em Américo Brasiliense, o senhor consegue me explicar qual foi, talvez o senhor tenha a sensibilidade para isso, qual foi, o que motivou o governo do estado, na época, a escolher uma cidade tão distante assim de Guarulhos, para fazer uma segunda fábrica? Quer dizer, o senhor mesmo disse que quando o senhor chegou na Furp havia umas áreas que estavam desativadas, ou estavam mais abandonadas. Vocês conseguiram recuperar?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Todas.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Todas elas. Com franqueza e com sinceridade, do fundo do seu coração, o senhor acha que havia necessidade de construir a fábrica em Guarulhos? Desculpe, em Américo Brasiliense?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Em Américo. Primeiro, a resposta. Por que Américo? Talvez, eu desconheço, porque até o projeto de engenharia já estava pronto quando eu cheguei, praticamente pronto, mas, talvez lá, porque ...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E esse projeto de engenharia, desculpe-me interrompê-lo, mas apenas para o senhor já ir respondendo também, esse projeto de engenharia que estava pronto foi feito na gestão anterior à do Nakazone. Quem era o gestor anterior, o senhor se lembra?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Acho que era Mercadante, não lembro o primeiro nome.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Quer dizer, já havia essa decisão política...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso, da construção da fábrica. Por que Américo Brasiliense? Ali há um hospital que é da década de 40, um hospital. Acho que foram construídos uns três ou quatro do mesmo modo, mesmo padrão, para atender tuberculosos. Como praticamente a doença foi extinta, aquele hospital ficou desativado um tempo. Hoje ele foi revitalizado e está em funcionamento para outra especialidade, obviamente.

Mas o terreno era muito grande. Só a área que ficou para a Furp ali era praticamente 250 mil m². A Furp Guarulhos não tem essa área, então talvez a escolha daquele local foi em função do terreno disponível. Talvez, não posso dizer. Estou respondendo por que Américo Brasiliense. Agora, se havia necessidade ou não da fábrica, eu realmente não posso responder.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor não tem uma opinião própria sobre isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, na época em que estivemos lá, foi bastante gratificante o fato de você passar a produzir 2,5 bilhões de unidades farmacêuticas. Nós criamos as farmácias Dose Certa, 21 farmácias nas estações do Metrô, da CPTM, da EMTU, em hospitais. Então, você passava a distribuir inclusive nas estações do Metrô, isso era gratificante. Realmente, a iniciativa era boa. Depois o que aconteceu, aí eu desconheço, até desconhecia PPP.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas esses 2,5 bilhões produzidos, de medicamentos, eram na Furp de Guarulhos.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Só a fábrica, sem contar antirretrovirais.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Se contar, esse número aumenta muito mais.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, porque as fábricas não estavam operando. Quando nós inauguramos Sólidos 2, que nós chamávamos tecnicamente de Sólidos 2, que passou a produzir aquele ano, acho que foi 2005, acho que produziu 2,5 bilhões de unidades farmacêuticas.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Na sua opinião, uma quantia bastante ...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, foi o recorde, nunca produziu tanto.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Não houve nenhum resquício de que a fábrica estaria ociosa, na sua opinião.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, naquele ano ela foi superavitária, inclusive.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Quer dizer, é possível, pelo menos naquele momento, era possível que a fábrica fosse superavitária.

Na opinião do senhor, mesmo o senhor estando de fora, por que, na opinião do senhor, essa fábrica deixou de ser superavitária?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Como eu falei anteriormente, eu desconheço o que foi feito depois. A PPP eu desconheço totalmente.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas, Sr. Luiz Roberto, o senhor acha que a construção da fábrica de Américo Brasiliense competiu, para poder promover um déficit na fábrica de Guarulhos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olhe, ela foi construída para produzir medicamentos.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Porque aqui mesmo, na sua fala, o senhor disse o seguinte, que este repasse aqui de 120 milhões era a Furp que pagava, né?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Da construção ou metade dele? O senhor falou que da aquisição da parte farmacêutica, né?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O que acontece é o seguinte: tem equipamentos que são bastante sofisticados, bastante complexos. Inclusive eles são construídos de acordo com a necessidade do cliente. Esses equipamentos eram pagos direto pela Furp, e tinha um motivo para ser pago: a Furp, desses 125 milhões, ela não pagava direto à empreiteira tudo. Os equipamentos farmacêuticos eram comprados por desenvolvimento de detalhes pelo consórcio, só que quem pagava era a Furp. Por que era a Furp que pagava? Tem isenção de impostos, então isso saía mais barato para o estado.

Então nós mesmos comprávamos. Inclusive esse foi meu primeiro embate com o consórcio, porque o consórcio, depois de assinado o contrato, de começada a obra, ele queria ele importar os produtos, e nós não admitimos isso, obviamente ouvindo o departamento jurídico da Furp e todos os departamentos, o financeiro. Nós não admitimos isso porque, a Furp adquirindo, primeiro os entraves de importação seriam menores, e segundo porque nós evitaríamos pagar impostos. Todos os impostos...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E eles foram adquiridos então pela Furp?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Sim, sim.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Então, nessa queda de braço, vocês acabaram levando a melhor. A partir de que demanda na fábrica de Américo Brasiliense foi executado o projeto executivo? Qual foi a demanda que motivou isso? O senhor teve acesso aos produtos que seriam produzidos para fazer o dimensionamento da fábrica? Por que o projeto executivo foi feito com a área de produção no andar superior e a área administrativa no piso térreo, sendo que essa concepção encareceria o projeto em função de se ter que estabelecer pisos mais robustos? Claro, como sempre, se você faz um prédio, você vai ter que gastar mais. O senhor conhece algum projeto farmacêutico dessa forma? E o projeto de climatização, por exemplo, é superestimado, e essa concepção custou o dobro do valor. O senhor chegou a verificar isso? E também, já emendando uma outra questão, se o senhor visitava as obras com frequência e quem por ventura acompanhava o senhor nessas visitas, caso o senhor as fizesse.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Bom, o desenvolvimento do projeto farmacêutico é desenvolvido por empresa especializada em conjunto com o fabricante do equipamento. Ele obedece a certas características, inclusive de fabricação do

medicamento, princípio ativo utilizado e tudo mais. Com relação à produção ser no andar superior, o projeto conceitual estava pronto, da Pharmaplan, uma empresa especializada.

Eu creio que... A gente não entra nesse tipo de detalhe. São tantos profissionais especialistas que são contratados e que desenvolvem os projetos, que você recebe o projeto como bom. A Pharmaplan, especializada em laboratórios farmacêuticos, desenvolveu um projeto. Eu sou o gestor de uma obra, eu estou lá e recebo um projeto. É analisado... Todas as análises eram feitas pelo Departamento Técnico-Farmacêutico da Furp, todos.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O governo contratou a Furp, ou o governo contratou a Pharmaplan?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. A Pharmaplan deve ter sido... Foi anterior à minha chegada. A Pharmaplan deve ter sido contratada pela Furp. A Furp tinha um contrato com a Uniemp, a Uniemp prestava serviço para a Furp, porque ela não tinha corpo técnico. Depois que eu cheguei, realmente quando as coisas começaram a acontecer na construção de sólidos do prédio de antirretrovirais e de Américo Brasiliense, a equipe foi...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor chegou depois de contratada a Uniemp?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Sim.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E como é que uma empresa pode ser contratada se ela não tem corpo técnico para prestar aquele serviço especializado que ela é contratada para prestar? Jesus!

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É, isso foi... O contrato foi feito obviamente seguindo todos os rituais legais: jurídico, comissão de licitações... Eu não saberia responder, porque a Uniemp não tem corpo técnico. Uni, universidade; emp, empresa. É uma união de empresa e universidade para prestar serviço para o setor público e também para a iniciativa privada.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Eles montam uma empresa, eles terceirizam esse serviço...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É uma ONG, né, se eu não me engano. É uma fundação. Eu só sei dizer que foi um serviço... Eu não reprovoo o serviço que foi prestado. A Uniemp, enquanto eu era o gestor da obra, prestava um serviço e não deixou a desejar. Um serviço técnico.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas Sr. Luiz Roberto, o senhor não acha que encareceu o fato de fazer todas essas triangulações? Contrata uma empresa, essa empresa contrata outra empresa...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Imagina, não, não. A Uniemp não tem nem corpo técnico, não encareceu não.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas então por que contrataram? É isso só que a gente não consegue... Tem algumas coisas que acontecem que...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É, eu, quando cheguei, a Uniemp já prestava...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Nos perdoe. Eu sei que o senhor não é o responsável por tudo isso que a gente está investigando, e nem queremos aqui atribuir ao senhor esse problema, mas é que às vezes a gente chega a algumas conclusões aqui nas oitivas que estamos fazendo já há meses que nos deixam perplexos, algumas atitudes tomadas que a gente tenta compreender, mas é difícil compreender, porque não têm razão de ser.

Bom, o senhor sabe dizer quanto custou a primeira fase da obra? Consta aqui a MPD Engenharia Limitada, em um contrato de 15.432.473,00 reais. O primeiro aditivo foi de 2.843.761,00, elevando a obra para 18.276,00, esse início. O segundo aditivo, de 1.465.680,00, o que também sobrepôs um preço de 19.741.915,00. Porém, em documento assinado pelo Sr. Ricardo de Lima e Silva, não sei se o senhor chegou a conhecê-lo...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - ...datado de 30 de setembro - o senhor já tinha saído - de 2019, consta como valor 21.531.250,00. O senhor saberia explicar a diferença de quase esses dois milhões de reais e o que foi efetivamente gasto nessa primeira fase do valor da Américo Brasiliense? Porque parece que o senhor falou algo em torno de...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A licitação foi levada... A obra foi levada à licitação por 23 milhões. A empresa, que é a MPD Engenharia, ganhou com acho que 15 milhões. Desculpa, deputada, quanto ao valor...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - É, 15 milhões e 400 e tanto.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Aproximadamente 16 milhões. Depois disso, obviamente eu não me lembro de detalhes dos aditamentos. Eu me lembro de um deles porque eu consegui resgatar um resumo de que foi uma canalização de um córrego. Nós tínhamos divisa do imóvel em que o córrego tinha ali uma curva, e, nos dias de enchente, ele ia assoreando a margem da Furp e estava chegando perto do poço artesiano. Precisava fazer um muro de gabiões ou a retificação do canal. Nós conseguimos todas as aprovações legais junto ao Ministério do Meio Ambiente, à Secretaria de Estado de Meio Ambiente, e assim foi feito.

Esse eu lembro que foi um dos aditamentos. O outro eu não lembro, mas obviamente tudo isso é feito com o rito legal, passado por comissão jurídica e tudo mais. Eu trouxe inclusive, para que se tenha maior clareza do que foi a primeira etapa... Eu tinha um resumo guardado comigo da primeira etapa, um relatório fotográfico e todos os trabalhos nessa primeira etapa.

A gente não ficava só preocupado com a construção do prédio, todas as aprovações legais foram feitas nesse período: prefeitura, Bombeiros, DPRN, Sabesp, concessionária de energia elétrica, enfim, todos os projetos legais foram feitos nesse período. Todos os projetos legais foram desenvolvidos pela Uniemp. Não foi só fiscalização da obra, também foram desenvolvidos projetos, os projetos das utilidades também. Então todo esse trabalho foi simultâneo à execução da primeira etapa da obra.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Deputada Beth Sahão...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Acabou meu tempo?

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Não, não senhora. Só estou registrando a entrega desse relatório de desenvolvimento que ele passa à CPI e depois dou conhecimento aos senhores. Vamos tirar uma cópia e devolver. Obrigado.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor saiu junto com... O senhor saiu um dia antes do... O senhor saiu quando? Em que data exatamente em 2007? O senhor lembra? O senhor pediu para sair ou o senhor foi exonerado?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Exonerado.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor foi exonerado.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Quando o Dr. Edson Nakazone saiu, assumiu o Dr. Ricardo Oliva. O Ricardo Oliva nos chamou e dispensou nessa hora.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Ah tá. Tá. O senhor não sabe as razões. Quer dizer...

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - O motivo da exoneração?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Não sei. Só trocou. Eu me pus à disposição, porque tinha três obras em andamento, me pus à disposição para que, se tivesse alguma dúvida quanto ao trabalho que eu estava realizando, porque, além do prédio de Américo Brasiliense, do laboratório que era grande, tinha a fábrica de antirretrovirais, que era extremamente complexa e a estação de tratamento de (Inaudível.).

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - É que me parece, salvo engano, quando veio aqui o Dr. Afonso, ele disse que houve um desentendimento seu com a empresa. Houve isso ou não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Alguns.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor pode citar quais eram?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Na verdade a empresa, quando ganha uma licitação e se contenta com a margem de lucro que está estipulada, que ela ofereceu, tudo bem. Quando ela quer ter mais lucro, ela procura defeito no contrato, procura defeito, principalmente, no projeto. Começam a por defeito no projeto. É no projeto conceitual, é no projeto básico, é no projeto executivo para conseguir aditamentos.

Eu tive vários embates, alguns deles bastante complicados. Alguns, se for o caso...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Eu queria que o senhor citasse.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O primeiro deles foi... Na licitação constou que o preço, obviamente, em licitação, tem que ser em real. Só que nós colocamos na licitação, para que não houvesse prejuízo ou para a Furp ou para a empresa que ganhasse a licitação, que haveria conversão da moeda, que normalmente era euro, para o real na internalização dos equipamentos.

Ou seja, no dia que o equipamento desce no Porto de Santos, tem a carta de crédito...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Era o valor daquele momento.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Aí transformava em euro. Aí ninguém teria prejuízo.

Os licitantes concordaram com isso, porque participaram da licitação. Só que, infelizmente para eles e felizmente para a Furp, de novembro a maio, que começaram a importação dos equipamentos, o real valorizou 13 por cento. E o primeiro embate foi exatamente esse. Eles contrataram um escritório de advocacia porque eles queriam que usasse o preço da licitação, e não o preço da internalização, que era 13% mais baixo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E o senhor não concordou com isso.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ouvido, obviamente (Inaudível.). Mas não concordamos. Esse foi o primeiro caso que causou um pouquinho de estresse.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E o segundo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Lá?

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Claro.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Tema de ar-condicionado, que até ouvi comentários de que era caro. O sistema de ar-condicionado é extremamente complexo. O sistema de ar-condicionado de um laboratório farmacêutico controla não só o conforto térmico, ele controla a humidade, pressão e tudo mais.

Existe cascata de pressão entre uma sala e outra. Se em um acidente uma determinada porta abre, ela não pode contaminar outro ambiente. Só para se ter uma ideia, a pureza do ar dentro de uma sala limpa é dez mil vezes maior do que um centro cirúrgico de hospital.

Então, é muito complexa. E poucas empresas sabem trabalhar em ar-condicionado de laboratório farmacêutico dentro de salas limpas. São filtros extremamente minuciosos, complexos e tudo o mais. E a empreiteira ganhou a licitação, ela sabia o que tinha que fazer, tinha um preço compatível à dificuldade daquele item, que era o ar-condicionado. E ela contratou uma empresa que não tinha condições.

E a Uniemp, porque eu tinha técnicos especialistas, eu não sou... Eu sou um engenheiro civil, mas eu não tenho conhecimento de todas as atividades em engenharia. Eu contratava os técnicos para a área específica que eu estava necessitando à época. E aquela empresa tinha sido rejeitada. O consórcio insistiu muito. Depois disso eles tiraram essa empresa e trouxeram outra que foi mais lastimável ainda. Essa segunda empresa foi terrível. E, em novembro, se eu não me engano, essa segunda empresa levantou acampamento. Pegou as coisas dela e foi embora.

Então, o ar-condicionado, não por culpa da Furp, mas por culpa da empreiteira, do consórcio, ele teve um pouquinho de problema.

O terceiro caso eu até citei aqui, que foi o caso da importação dos equipamentos. O consórcio queria importar os equipamentos e a Furp bateu o pé em importar direto por questões óbvias. Nós tínhamos isenções de impostos.

E o quarto e último foi o que me deu mais problemas. Nós recebíamos as especificações dos sistemas farmacêuticos e eu tinha um consultor que era da Unicamp. Esse consultor era especialista nos sistemas farmacêuticos. E eram pilhas de documentos

absurdas que vinham dos fornecedores e o consórcio encaminhava para a gente analisar e aprovar esses sistemas farmacêuticos. E houve a rejeição, uma vez, porque percebemos que existiam inconsistências. Depois de muita análise, de muito trabalho... Armando o nome do técnico da Unicamp que nos dava assessoria. Depois de muito trabalho do Seu Armando e de toda a equipe da Furp, os farmacêuticos da Furp, por sinal muito competentes, pessoas de carreira da Faculdade de Farmácia da USP, que trabalham na Furp, pessoas muito competentes, rejeitaram o trabalho. Nós devolvemos para o consórcio. O consórcio mandou os mesmos ou até com alguns itens a mais, que seriam rejeitados. Aí eu perdi um pouco a paciência e, baseado no que prevê o contrato, eu pedi a substituição do gerente da obra.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E o senhor foi atendido?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É comissão de contrato, 48 horas. Aí eu pedi a substituição. Realmente estremeceu um pouco.

Mas nada que fosse além do relacionamento profissional. Não tinha o porquê. Até porque registrava tudo em ata, ofício, não tinha nada feito fora de meios normais.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E a demissão do senhor foi depois que o senhor...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Você me perguntou... Desculpa, a deputada me perguntou também se eu ia. Todas as semanas eu ia para Américo Brasiliense. Eu saía daqui em uma... Normalmente em uma quarta-feira às cinco da manhã. Chegava antes das oito lá e ficava até o outro dia, à tarde, e voltava.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - A demissão do senhor, ela se deu após o senhor pedir essa substituição especificamente ou foi, na sua opinião, um conjunto de ações que o senhor teve, entre elas...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Essas quatro ações foram as principais. Eu acho que realmente ficou, assim, um tanto quanto insustentável. Depois disso... Isso acho que aconteceu em setembro, se não me engano em agosto. Depois disso eu fui substituído.

Em dezembro acho que chegou o Mahfuz ou em janeiro. Em janeiro chegou o Mahfuz. Foi o meu substituto.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - A minha última questão. O senhor tem uma relação com o senhor João Batista Rizek? Que era assessor...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Somente profissional. Ele me chamou algumas vezes na secretaria para discutir assuntos da Furp porque ele era o assessor do Dr. Barradas e ele é quem passava os recursos. Só em reuniões de trabalho.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Mas alguma vez ele contradisse aquilo que o senhor estava tentando desenvolver lá na...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eles tinham alguns embates. Técnicos.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O senhor lembra de alguns?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, era só questão do desenvolvimento da obra e enfim.

Inclusive, uma vez, teve a visita de... me foge o nome, mas era uma pessoa que trabalhava com ele, de surpresa, porque eu fui para Américo Brasiliense, cheguei lá tinha a pessoa. É o direito que eles têm de fiscalizar e tudo mais. Estava lá para fiscalizar. Sem problema nenhum.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Já conversamos sobre isso, o senhor conhece o Damião do Amaral?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Conheço.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Conhece? Qual a atuação? Ele teve alguma atuação específica durante a execução da obra?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Quando ele entrou, praticamente eu estava saindo. Ele só cuidava - ele era da área administrativa - das cartas de crédito. Eu o conheço bem, porque agora ele trabalha comigo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Ele voltou para...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, ele não voltou. Ele nunca tinha ... (Vozes sobrepostas.)

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Em São Bernardo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ele está em São Bernardo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Aliás, vários estão em São Bernardo. Teve alguma participação, na ocasião, sua, da Prefeitura de São Bernardo, em relação à escolha das pessoas da Furp?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, nenhuma. O que tinha era realmente o Dr. Edson Nakazone, que foi secretário de Saúde de São Bernardo. Me conhecia, conhecia meu trabalho e me convidou para ir para lá.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E agora todos voltaram?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, todos não. Eu, quando montei a equipe...

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - O Nakazone também voltou.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ele é secretário-adjunto, ele é de carreira da Prefeitura de São Bernardo.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Ah, ele é de carreira?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É de carreira. Eu, na verdade, estava precisando de um administrativo e financeiro para compor a equipe da UGT, e como o

Damião conhece muito e estava disponível no mercado, eu convidei ele, e ele aceitou. Obviamente, seguiu os ritos de contratação normais.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - E ele trabalha com o senhor?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Hoje, não mais.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, foi promovido. Saiu da nossa equipe da UGT. A nossa equipe é composta de dez funcionários, todos extremamente técnicos, não tem nenhum com envolvimento político. Alguns eu que escolhi, foram selecionados porque, realmente, desenvolvem um trabalho dentro da área específica de cada um deles, na área de Saúde, na área de tecnologia da informação, na área de engenharia e na área financeira e administrativa.

A SRA. BETH LULA SAHÃO - PT - Muito obrigada. Obrigada, presidente.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Bom passar a palavra. Inscrito o nobre deputado Agente Federal Danilo Balas, pelo tempo regimental.

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Presidente, engraçado que temos servidores que à época trabalharam na Furp, ou em Américo ou em Guarulhos. Alguns estão em São Bernardo, e outros estão no Butantã. Então, se reencontrando aí para exercer o trabalho.

Sr. Luiz Roberto Beber, o senhor acha que havia necessidade da contratação da Uniemp, uma vez que ela não tinha corpo técnico, como o senhor mesmo disse?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, eu desconheço, assim a.... Como eu disse, quando eu cheguei a Uniemp já estava lá, prestava serviço, tinha técnicos, tinha dois profissionais à época e, à medida que eu fui precisando, ela foi compondo a equipe, com técnicos bastante específicos de cada área, de acordo com a necessidade.

Então, não havia porque trocar, depois do projeto em andamento - não vou dizer da obra, mas do projeto como um todo. Ela já tinha feito, acompanhado o projeto conceitual, tinha acompanhado o projeto de engenharia, que eu não estava lá.

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - O senhor foi exonerado segundo uma sindicância da Furp, em 2007, após alguns conflitos com o consórcio responsável pela obra da fábrica. Eu insisto. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu acho que as reivindicações que eles fizeram eu não achava pertinentes. Não dei provimento a elas, e isso gerou um mal-estar. Isso como consórcio, independente da minha exoneração. Quem me exonerou não foi o consórcio. Veio uma pessoa para o meu lugar, e eu simplesmente saí. (Inaudível.) ... o porquê, né?

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - O que o senhor pode nos falar sobre o pedido de reequilíbrio econômico-financeiro do contrato como um todo. O que senhor tem, como engenheiro, a dizer sobre isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu não vi esse... Porque foi feito após a minha saída. Eu não tenho conhecimento. O pouco que eu li a respeito... Se foi em função de atraso de recursos, até a época que eu estava não havia. A Secretaria de Saúde repassava os recursos necessários à obra.

As cartas de crédito, realmente, sofreram um pouquinho de atraso na minha época, mas nada significativo. Também consta em algumas matérias que eu li que as cartas de crédito atrasaram. Existe uma burocracia grande para importação, para desembaraço, e não sei se foi esse o motivo. Só posso afirmar uma coisa. Motivado pelo período que eu estava lá, por atrasos de responsabilidade da Furp, não senhor. Pode ser de responsabilidade do consórcio. Da Furp, não.

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Como engenheiro, o valor final da obra. O senhor acredita que eram necessárias todas as... Os aditivos eram necessários, todos que foram feitos? Ou?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, eu não sei os aditivos que foram feitos, posteriores. Nós fizemos um, que eu lembro. Me parece, desculpa, mas aí, como... Se as coisas foram só de correção de rumo, eu vou desconhecer na minha época. Um aditivo que foi feito na minha época, e eu sei de detalhes, porque eu achei um relatório, foi de uma visita que nós fizemos aos fabricantes dos equipamentos.

Nós fizemos essa visita, acompanhados de técnicos área farmacêutica, para escolher os sistemas farmacêuticos que atingiriam melhor as necessidades da Furp, que iam suprir melhor as necessidades. Desses sistemas farmacêuticos, que eram dez, nós conseguimos desconto de uma boa parte deles. Alguns, foi mantido o preço que estava previsto. Alguns, nós conseguimos desconto, e um deles o preço ficou bem mais alto. Por que ficou bem mais alto? Porque foi trocado o sistema de purificação de água. Era, segundo as frases do pessoal especialista na área farmacêutica, o equipamento dos sonhos deles. Era o sistema de tratamento por osmose reversa.

Então como nós tínhamos conseguido um bom desconto nos demais sistemas, nós jogamos... Trouxe até a tabela aqui, de toda a visita, inclusive fotográfica e tudo mais. Esse eu lembro que foi feito um aditamento. Se teve outros na minha época, devem ter sido insignificantes, porque sequer eu lembro deles.

O que tem de curioso nesse relato de reequilíbrio em função de atraso da obra, por culpa da primeira etapa ali, que eu estava presente, é o seguinte. Quando você faz um aditamento, você corrige o cronograma. Se esse aditamento tem impacto no prazo de execução da obra, você adita o prazo também, e o consórcio declarou que não haveria necessidade de aditar o prazo. Então, realmente, é contraditório.

O SR. AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Com a palavra o nobre deputado Cezar.

O SR. CEZAR - PSDB - É minha vez. Bom dia, Sr. Luiz.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Bom dia, deputado.

O SR. CEZAR - PSDB - Ouvi atentamente aí o que senhor nos mostrou da Furp. Todos que vêm aqui mostram o que o senhor mostrou aí. Viu? Todos vêm com esse conhecimento básico que o senhor teve aí conosco hoje.

O senhor, quando assumiu a Furp, o senhor estava na Prefeitura de São Bernardo do Campo, e era comissionado. Aí, o senhor se exonerou e foi para a Furp. Lá na Furp, quem o contratou?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O conselho. Eu fui sabatinado pelo conselho.

O SR. CEZAR - PSDB - Sim, mas quem era acima do senhor?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O Dr. Edson Nakazone, que era o superintendente, como eu já disse, era o secretário de Saúde de São Bernardo no período em que eu fui secretário de obras e construí um hospital para a Secretaria de Saúde. Então ele me conhecia e conhecia meu trabalho profissional.

Como ele foi para a Furp, uns meses depois - eu não consigo precisar quantos - que ele estava lá, ele me convidou para ir para lá, em função dessas obras, que tinha a Furp... Paralisadas, vai. O prédio sólido estava paralisado, o prédio de antirretrovirais estava paralisado, e Américo Brasiliense estava naquele impasse, que não saía do projeto.

Ele me convidou para ir, e eu aceitei o desafio.

O SR. CEZAR - PSDB - Quando o doutor Edson caiu, o senhor caiu junto?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Acho que uns dias depois.

O SR. CEZAR - PSDB - Dias depois?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Foi só o período de eu passar o serviço para o Mahfuz.

O SR. CEZAR - PSDB - O Mahfuz, o senhor conhecia ele antes, não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Uma vez ele foi na Furp, representando uma empresa, que acho que era dele e de um sócio.

O SR. CEZAR - PSDB - Olha, que detalhe, ele era...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Oferecer para prestar serviços para Américo Brasiliense, mas, como nós tínhamos a Uniemp, não foi levado.

O SR. CEZAR - PSDB - E o senhor não sabe se essa empresa forneceu serviços para Américo Brasiliense, depois que ele virou funcionário?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não sei. Desconheço.

O SR. CEZAR - PSDB - O senhor não tem conhecimento? Quando o senhor assumiu a Furp, em Guarulhos, o senhor disse que a situação era precária lá, né? Estava sucateada a empresa.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É porque tinham contratos abandonados. As empreiteiras tinham começado obras e abandonaram, né?

O SR. CEZAR - PSDB - Só perguntei para o senhor: era sucateada, estava abandonada, acabada.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Uma parte, sim. Uma parte.

O SR. CEZAR - PSDB - Quando o senhor assumiu.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso.

O SR. CEZAR - PSDB - Então, o senhor foi o paladino.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não. Não fui, não. Eu só fiz o meu trabalho. Não; tinha uma grande equipe, os profissionais de lá muito competentes, da área farmacêutica também. A minha parte era só fazer obra.

O SR. CEZAR - PSDB - Sim. Aí o senhor chega à Furp e depara com esse cenário aí obscuro lá na Furp, né? Uma situação de decadência. Foi isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É, na época...

O SR. CEZAR - PSDB - Furp Guarulhos. Estamos falando da Furp Guarulhos.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso. Essas obras abandonadas realmente eram extremamente...

O SR. CEZAR - PSDB - Então, já havia indício de incompetência na Furp Guarulhos.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não sei o que dizer, o que aconteceu no período que me antecedeu. Não sei por que essas obras...

O SR. CEZAR - PSDB - O senhor já falou que chegou lá e era um desastre.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, as obras...

O SR. CEZAR - PSDB - Saiu da sua boca isso. Então, a Furp, já Guarulhos, era uma incompetência pura.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Quando eu cheguei...

O SR. CEZAR - PSDB - Quem o contratou também era incompetente, porque ele já estava lá.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É, quando eu cheguei eu chamei as empresas que tinham os contratos ainda em vigor, mas com a obra paralisada, e nós rescindimos todos os contratos. Com essa rescisão de contratos me facilitou abrir uma nova licitação. Foi aberta nova licitação, executada a obra, e a fábrica começou a produzir, fábrica de sólidos 2. Já existia uma linha de produção de sólidos 1. Tinham duas linhas de produção

de sólidos: uma operava e uma estava paralisada, o prédio estava bem destruído. Essa segunda, chamava sólidos 2, é que nós pusemos em operação depois da minha chegada.

O SR. CEZAR - PSDB - Sr. Luís, ainda em Guarulhos, vamos continuar em Guarulhos aí. O senhor sabe que uma nova licitação encarece a obra.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Deputado, a obra mais cara que existe é obra paralisada. Isso eu ouvi alguns meses atrás do presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, Dr. Roque Citadini. Não existe obra mais cara que obra paralisada. O profissional que é gestor de uma obra pública, ele não pode ceder para um empreiteiro, óbvio, mas ele tem que fazer tudo para não deixar a obra parada. Obra parada custa caro. As empresas que estavam lá com a obra paralisada tinham recebido pelo serviço que tinham sido feitos, e nós rompemos o contrato ali. Não foi pago um centavo a mais. Os serviços faltantes foram licitados, executados.

O SR. CEZAR - PSDB - Então, o Citadini disse que obra parada é cara, né? Cara é licitação errada, fazer errado. Isso que é caro.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Também.

O SR. CEZAR - PSDB - Não é obra parada, não. É dar para orelha seca a obra que o cara não tem competência para fazer. E isso tem que estar no contrato, tem que estar no edital. Não é ouvir o Citadini, seja lá quem for. O prejuízo foi grande. Já começou aí em Guarulhos.

Agora outra pergunta que quero fazer para o senhor, aqui de Guarulhos mesmo. Aí o senhor restaurou a empresa aqui em Guarulhos, pelo que eu vi aqui.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, desculpa, deputado. Eu fiz as obras que me cabiam, competiam-me como assistente técnico de engenharia, gestor fazer as obras.

O SR. CEZAR - PSDB - E isso eu vi. Aí o senhor, nessa época, aqui em Guarulhos mesmo, nós começamos a ter um, produzir dois milhões e meio de remédios. Foi isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Dois bilhões.

O SR. CEZAR - PSDB - Dois bilhões aqui em Guarulhos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso.

O SR. CEZAR - PSDB - Em Guarulhos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ano, hein? Desculpe.

O SR. CEZAR - PSDB - Não, repito, sempre Guarulhos. Havia necessidade de uma Américo Brasiliense, e aqui a produção já bateu o recorde?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não posso dizer, deputado.

O SR. CEZAR - PSDB - Essas coisas são estranhas. O senhor estava lá, e aí chegou o cronograma de trabalho lá para a Américo Brasiliense, tendo que a Furp Guarulhos já dava conta do recado.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Na verdade, ela não produzia isso tudo. Ela passou a produzir 2000, creio que em 2005, foi esse ano que bateu o recorde, ou 2005 ou 2006; 2004 com certeza não, que foi o ano que nós fizemos a fábrica de sólidos 2. Esse recorde de produção da Furp ou foi 2005 ou 2006. Foge-me, mas isso tem fácil; pelo Google acha isso, porque foi o recorde de produção.

O SR. CEZAR - PSDB - Então, não havia necessidade da Américo Brasiliense. O senhor disse aí também, aí à minha nobre colega Beth Sahão, que era porteira fechada. O edital dizia porteira fechada. Não dizia?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É porque os equipamentos eram instalados e prontos para a produção.

O SR. CEZAR - PSDB - Porteira fechada. Quando a Furp entra para comprar o importado, cai o preço. Temos um lucro aí.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ela tem isenção de alguns impostos.

O SR. CEZAR - PSDB - Então, temos um lucro. Por que o aditamento do muro, se nós tínhamos lucro na proteção do poço artesiano?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Deputado, essa margem do córrego que foi aditada foi na primeira etapa, no contrato não do consórcio, da MPD Engenharia. E toda vez que você tem um aditamento, você adita acréscimos e supressões. Eles são independentes, tanto é que o Tribunal de Contas é muito rigoroso com relação às supressões, que você faz a supressão no contrato, e o contrato passa a vigorar com valor menor do que aquele que foi licitado, exatamente para cair o percentual dos 25% permitidos por lei para aditamento.

Então, isso tudo é considerado. Então, quando você suprime, um equipamento sai mais barato, você suprime e cai o valor do contrato. Isso foi feito nesse aditamento. Eu suprimi de alguns sistemas farmacêuticos, outro teve acréscimo. Isso foi feito, e era... Eu não tenho como definir agora, de cabeça, o percentual desse aditamento da fase 2, que é do consórcio. Depois, se foram aditados os 25% previstos na lei, eu não sei. Eu... O aditamento não foi grande e foi muito objetivo. O relatório está aqui, eram sistemas farmacêuticos. Quando você compra um sistema farmacêutico existe um termo que se usa na área da indústria farmacêutica que é sobressalente. São peças de reposição que são normais de... depois de um determinado... tem uma vida útil, né, normal, e as ferramentas de operação dessas máquinas.

Então, eram oferecidos para a Furp, ou pelos fabricantes que foi definido: “olha, vai ser comprado esse equipamento da Criste, ou da Fat.” Ele falava: “olha, eu tenho um pacote aqui de ferramentas e tenho um pacote de sobressalentes”. O departamento da área técnica farmacêutica fala: “olha, nós precisamos desses sobressalentes. Nós precisamos dessas ferramentas?” Foi aditado. Isso a Furp comprando direto.

O SR. CEZAR - PSDB - A MPD fazia parte do consórcio?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não.

O SR. CEZAR - PSDB - Não.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - O consórcio era formado por Camargo Corrêa, que era a empresa líder, Chaim, Planova e OAS.

O SR. CEZAR - PSDB - Então, o consórcio, quando pegou, era para construir a fábrica. Certo? Aí surgiu um problema, houve outra licitação com a MPD que ganhou 15 milhões.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. A MPD fez essa primeira parte que eu trouxe o relatório. E quanto ela executou o prédio, o prédio, a parte de construção civil, é como se fosse esse prédio aqui. Ela executou esse prédio; durante a execução, nós desenvolvemos os projetos legais, os projetos técnicos de área de ar-condicionado, gases medicinais, vapor, e tudo mais, e as linhas de produção, que é o enxerto, é o que viria aqui dentro: as salas limpas e tudo mais. Isso que o consórcio ganhou, a segunda etapa.

O SR. CEZAR - PSDB - Outra pergunta.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Pois não.

O SR. CEZAR - PSDB - Quem fazia as medições?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, as medições, eu tinha dois engenheiros fixos em Américo...

O SR. CEZAR - PSDB - O senhor que fazia.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu era o responsável. As medições, os meus técnicos ficavam em Américo Brasiliense em período integral, acompanhando, medindo. Tinham dois engenheiros e mais os auxiliares deles. Eu tinha uma equipe de coordenação da Uniemp, aqui em Guarulhos, que era meu escritório. Essa equipe tinha um coordenador muito competente também. Tinha o Peixoto que veio aqui depor, mais uns dois ou três funcionários, além do Seu Armando, que era especialista em sistema farmacêutico. As medições eram feitas e a responsabilidade, sem sombra de dúvida, é do gestor do contrato.

O SR. CEZAR - PSDB - E ela seguiu uma norma, não eram mexidas nessas medições.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, eu acompanhava e obviamente atestava.

O SR. CEZAR - PSDB - E aí, engenheiro, a gente... Por que eles recorreram do contrato? O senhor sabe disso? O porquê de eles acionarem. E o Mahfuz foi um dos que o Ministério Público acusa de ter recebido a propina. Por que aqueles 18 milhões foi incluído para o consórcio cobrar de novo? O senhor lembra desse fato, ou não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Isso aconteceu depois da minha saída. Até então, por motivos da Furp, não existia atraso. Se existia, era coisa insignificante, de dias. Não tinha atraso de cronograma por culpa da Furp. Existia, sim, por culpa da empreiteira, do consórcio.

Pelo que li na imprensa, eles alegam que as cartas de crédito ficaram travadas, não saíam. E o recurso também, que não havia repasse de recursos por parte da Secretaria de Saúde para a Furp. Isso eu desconheço porque eu já tinha saído e não tive mais um acesso, não tive mais uma informação da Furp, a não ser agora, com a CPI.

O SR. CEZAR - PSDB - Obrigado. Obrigado pela presença. Eu queria parabenizar os vereadores de Guarulhos pela iniciativa, a proteção aos funcionários da Furp. E dizer ao sindicato que ele falhou também, não é mesmo? Ele devia estar atento a isso aí, o sindicato. Hoje ele até se propôs em ser ouvido, presidente, o sindicato. É isso?

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - O sindicato solicitou uma reunião com a CPI. Agora, já foi feita essa reunião lá na fábrica de Américo Brasiliense. A deputada Beth Sahnão compareceu e fez toda a oitiva. Ela deve relatar no relatório dela essa reunião.

O SR. CEZAR - PSDB - Então muito obrigado, senhor Luiz. Muito obrigado pela oportunidade.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - O nobre deputado Auricchio hoje está... Então vou me inscrever e passar a palavra ao nobre deputado Agente Federal Danilo Balas para que eu possa fazer algumas perguntas ao doutor Luiz Roberto Beber.

* * *

- Assume a Presidência o Sr. Agente Federal Danilo Balas.

* * *

O SR PRESIDENTE - AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Assumo a Presidência e já repasso a V. Exa. para perguntas de praxe.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor já fez uma explanação, senhor Luiz Roberto Beber. Mas tem algumas dúvidas para ajudar com que os sub-relatores possam desenvolver o seu trabalho. E a gente, fechando a linha de pensamento que tenho sobre tudo o que aconteceu.

Por que o senhor deixou a Furp?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Porque me convidaram para sair. Era um bom emprego que eu tinha. Não poso reclamar.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Por que lhe convidaram para sair?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não sei. Mudou a administração. Assumiu um novo superintendente, e levou a equipe dele.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Pelo que o senhor relatou aqui, existia uma pressão grande do consórcio, como tem de todas as empreiteiras. Cada um busca o seu objetivo. Muitas vezes mergulham no preço e depois querem vir no aditivo ou na supressão de determinados serviços, e o pessoal faz vista grossa. Aconteceu isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Na verdade, eles procuravam achar defeitos, tanto no contrato como no projeto. Tudo para gerar aditamento. Isso não tem dúvida. Fica

claro nessas colocações que eu fiz, inclusive. Mas a gente agia de acordo com o que estava estipulado no contrato. Talvez isso tenha desagradado. Mas para mim não tem problema se desagrade ou não.

Eu não tinha um relacionamento agressivo com ninguém. A empresa líder era a Camargo Corrêa. Mas cada um fazendo a sua parte. A minha parte era ser gestor da Furp.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Em um depoimento do senhor a uma comissão de sindicância da Furp o senhor relatou que, no final da sua passagem pela Fundação, o consórcio estava diminuindo sensivelmente o ritmo da obra de Américo Brasiliense. E que ocorreram algumas rejeições de qualidade aos trabalhos. Que providências o senhor tomou em relação a essa diminuição do ritmo da obra? E o que foi fruto, qual o objeto das rejeições da qualidade dos trabalhos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Um exemplo que já citei aqui é o ar condicionado. Esse realmente era a minha crítica da obra. Tem o “pipe rack”, que é uma rede elevada de dutos, que leva água purificada e vapor para dentro do complexo industrial. Parece que forma cravadas estacas excêntricas. E a minha fiscalização detectou isso. Essas estacas excêntricas tinham de ser substituídas. Eles simplesmente paravam. Eles paravam para sei lá que solução dar. Isso tudo travou.

Mas o que travava mesmo era em função do consórcio, nunca em função da Furp. A Furp sempre procurou atender. A equipe que eu tinha lá em Guarulhos, que analisava os sistemas farmacêuticos, tudo. Embora fosse um volume muito grande de documentos, mas sempre foi muito prestativa e muito rápida. Ela devolvia quando existia, obviamente, falha. Apontava as falhas e devolvia para o consórcio corrigir. Existia algumas coisas que eles tocavam.

Vou dar um exemplo de uma situação interessante. Dentro de uma sala limpa não pode ter nenhum canto, nem na luminária. Foi feita uma laje. Era feito os furos na laje, já na primeira etapa da obra, feita pela construtora MPD Engenharia. E ali é colocado um vidro. Tanto é que, para trocar uma lâmpada, é por cima. Não pode entrar na sala limpa.

Então não pode ter um canto. A tubulação é feita com solda orbital e depois é feita uma espécie de endoscopia. Se existir uma rebarba da solda na tubulação, é rejeitada. É tudo muito complexo. Estas salas não podem ter um canto. Então o consórcio fazia as paredes, a parte mais fácil, e é mais caro em função disso. A parte mais rápida eles faziam,

que é a parte plana. Quando eles chegavam nas curvas, tanto de piso, quanto de teto, quanto de canto, eles não faziam para poder medir só aquela parte que era cara.

Obviamente que isso não era aceitável. A minha equipe lá não aceitava. Eu tinha engenheiros lá. Isso era tudo relatado. Isso é relatado em ata, em troca de correspondência. Tudo tem na Furp. Tudo tem lá, arquivado, bonitinho, sem problema nenhum.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Nessa sindicância o senhor admitiu que pediu a troca do gestor do consórcio, que era o Marcos Benicio, é isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Marcos Benicio dos Santos.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Ele foi substituído?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Foi.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E aí a relação melhorou, ou não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Nem lembro quem o substituiu porque, logo depois, quem foi substituído fui eu. Mas não lembro nem quem o substituiu. Lembro que quando eu saí, continuou a equipe. Tinha uma equipe muito boa da Uniemp. O coordenador era...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Ele era da Uniemp ou era da Ductor? Porque a Uniemp contratou a Ductor.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A Uniemp, em mão de obra, ela contratou a Ductor, e não só a Ductor. A Uniemp, ela não fazia só a fiscalização e a supervisão da obra. Ela desenvolveu todos os projetos de utilidade. São projetos extremamente complexos. Ela desenvolveu os projetos legais, de bombeiro. Todos os projetos foram desenvolvidos... (Inaudível.)

Essa equipe, quem coordenava era o José Rubens. Ele participava de todos os assuntos comigo. A gente procurava não tomar a decisão isolada. Não receber, não tratar, não fazer reuniões isoladas. Era sempre a equipe.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - No período que o senhor ficou lá, o cronograma de execução de obra foi cumprido?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Ele começou a atrasar no finalzinho. Começou a atrasar porque o consórcio percebeu que não ia ter sucesso lá e começou a segurar um pouco.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Botou um certo tipo de pressão para que o senhor abrisse a mão e pagasse aquilo que não era devido?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Se eles pressionaram, com que tipo de pressão, obviamente, a gente está ali para cumprir o papel da gente. Aí também não fiquei mais sabendo o que aconteceu.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor acredita que as suas divergências com o consórcio foram em função do senhor não aceitar aquilo que não era correto?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Na verdade, esses quatro itens que citei aqui, não citei por acaso. Isso aí está documentado, está no processo. Está tudo documentado. Tem atas de reunião, tudo. Logicamente que eles não ficaram satisfeitos. A intenção deles era ter o maior lucro possível. Se eles conseguissem comprar os importados pelo preço que estava na tabela da licitação em real, só aí eles ganhariam 13 por cento. Treze por cento de sessenta milhões...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Quem o substituiu foi o Ricardo Luiz Mahfuz. Eu já disse aqui que ele esteve uma vez, quando então o senhor ocupava o cargo que ele passou a exercer depois oferecendo serviços.

Após a sua saída, o senhor manteve contato com ele?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, nenhum. Nenhum. Nunca mais. Inclusive, por questões técnicas que eu poderia tentar esclarecer se estivesse dentro da minha, do meu conhecimento.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor nunca mais foi procurado lá?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Nunca mais. Nunca mais.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Por ninguém?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Por ninguém da Furp.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Esse projeto da fábrica de Américo Brasiliense, tanto a fase um como a fase dois, existia um projeto executivo?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Existia, da fase um, o projeto executivo completo. Da fase dois, o projeto das utilidades e o projeto dos sistemas farmacêuticos, eles eram desenvolvidos de acordo com o fabricante.

Você escolhia o equipamento - para isso, a equipe técnica da Furp fez viagens para conhecer os equipamentos e ver o que era mais adequado para a Furp. Essas viagens resultaram na escola dos equipamentos que estavam especificados na licitação.

E, depois disso, existe um intercâmbio de, e isso era o consórcio que fazia, né, da equipe contratada por eles, que era um escritório com sede em uma cidade da Alemanha, em conjunto com o fabricante, sempre supervisionado pelos técnicos da Furp.

Os técnicos da Furp iam para esses fabricantes acompanhar periodicamente, acompanhar a execução dos sistemas farmacêuticos. Então, isso tudo era feito durante a aquisição e, depois, durante a aprovação dos sistemas.

Até a importação, tudo era acompanhado por técnicos da Furp.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Quando o senhor pediu a substituição do Marco Benício, quem o sucedeu?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu não lembro, porque foi bem no finzinho.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Pelo período em que o senhor ficou lá, a fábrica estava pronta, de Américo, ela terminou em 2009, o senhor saiu em 2007.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu saí em janeiro de 2007.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Então, eu queria entender um pouquinho aqui. Todas as pessoas que vêm aqui contribuem muito com a CPI. Alguns mentem. Eu acho que os deputados e as pessoas que acompanharam aqui puderam verificar bem.

Fase um da obra, que não era o consórcio liderado pela Camargo Corrêa, era uma outra empresa. O senhor disse que era obra do prédio. O que que era então? Era... Construiu, ergueu, fechou, entregou.

A segunda fase era toda...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso. Teve piso industrial.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Tudo.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Autonivelante, tudo.

A segunda fase era construir as salas limpas, que são complexas, o ar-condicionado, todas as utilidades, que é elétrica, hidráulica, vapor, todas as utilidades. Eu acho que eu tenho a relação.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Se o senhor puder deixar com a gente, nos ajuda, ajuda os Srs. Deputados no seu relatório.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Teve adaptação do projeto conceitual, estudo preliminar, projetos básicos, projetos legais, que são todos projetos, hidráulica, elétrica, combate a incêndio, instalações, fluido, mecânicas, eletrônica, instalações mecânicas de utilidades, instrumentação e automação predial, controle de acessos e vigilância.

E, principalmente, né, o projeto de ambientação das salas limpas. Salas limpas, depois que você escolhe o equipamento que você vai botar lá dentro, tem uma adequação.

Em hospitais, se chama “programa físico funcional”. Você detalha tudo isso e vai cada coisinha. Que o médico vai chegar lá, tem o foco cirúrgico, toda a estativa, tudo, e ele vai fazer a operação no paciente. E, tem que estar tudo certinho, no lugar certinho. Toda sala limpa tem esse projeto.

Isso foi desenvolvido depois que eu saí.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O contrato, então, da segunda fase, que é o consórcio liderado pela Camargo Corrêa, o senhor lembra o valor total do contrato?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Em torno de 125 milhões.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Cento e vinte e cinco milhões. Metade disso era equipamento?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Sessenta milhões.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Mais ou menos 60 milhões.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A Furp pagava direto.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Pagava direto.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - E o consórcio tinha uma comissão pela intermediação, pelas visitas que eram feitas, pelo acompanhamento.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, por que teve esse embate, se a Furp é que tinha que emitir a carta de crédito e quem comprava era a própria Furp e pagava?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eles queriam comprar em nome da Furp e pagar.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, aí, o senhor não aceitou. Então, o que eles queriam era obter a isenção de impostos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Aí não teria isenção de impostos. Se eles comprassem, mesmo, em nome da Furp, não teria. Isso, pelo menos, é o que eu tenho no relatório do departamento financeiro, administrativo e jurídico: não era viável a aquisição pela empreiteira, pelo consórcio, em nome da Furp. Porque a Furp tinha que comprar direto.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, isso aconteceu depois que o senhor saiu?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não sei, não sei.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor não sabe dizer?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Eu acho que não, porque isso foi decidido na época em que estavam fechando os negócios com os fabricantes na época. Creio que não. Creio que ficou desse jeito mesmo, em nome da Furp.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, com isso, a Furp teve um ganho? Ou já estava previsto esse ganho?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Na verdade, é, não, teve um ganho porque não foram pagos os impostos que a Furp tenha intenção, não é?

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, quanto ao ar-condicionado, que o senhor disse que é um custo altíssimo em função da técnica a ser empregada nas salas, eles queriam fazer um outro tipo aquém daquilo que era necessário?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Não é um outro tipo. O que eles teriam de fazer estava especificado em projeto. E, a gente exige que faça. Só que as empresas que eles contrataram talvez tenham feito uma cotação de preço, não sei, mas, as empresas que eles trouxeram não tinham condições técnicas de executar o ar-condicionado de ar purificado, de cascata de pressão, que exige um laboratório farmacêutico.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, essas obras de ar-condicionado foram realizadas enquanto o senhor ainda estava lá, ou depois?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Não porque no finzinho da minha estada lá, creio que em meados de novembro, ou já em dezembro – se eu não me engano, o nome da empresa era Paner. Ela abandonou a obra, ela recolheu todo o material dela e foi embora da obra.

Porque ela não tinha condições de fazer, mesmo. Existiam embates muito grandes entre os nossos especialistas, que nós contratávamos pela Uniemp, com essa empresa, porque eles não tinham condições de executar.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor lembra qual era o custo desse...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não lembro.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Sistema de ar-condicionado?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Mas, é caro, viu?

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Vinte milhões? Trinta?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não deve chegar a isso.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Não deve chegar.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Porque se a obra toda, metade...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Se o senhor for in loco com a gente lá em Américo Brasiliense, o senhor saberia hoje constatar se aquilo que estava no projeto foi executado ou não?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não. Não porque na verdade eu tinha dois engenheiros que ficavam lá direto. Eu não ficava direto.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Quem são os dois?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Engenheiro Formica e engenheiro Eric. O Eric era mais de utilidades e o Formica da parte civil.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, eles ainda estão funcionários lá da Furp? Eram de carreira?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, eles eram da Uniemp.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Da Uniemp.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Olha, tinha bons funcionários: o Zé Rubens, o Peixoto, o Eric, o Formica, são profissionais bastante gabaritados, e sem contar o Sr. Armando, que era da área de sistema farmacêutico, que esse a gente realmente desconhece. Ele trabalhava em conjunto com os técnicos da Furp com muita eficiência.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Ficou uma dúvida, talvez por falta de conhecimento da área, e até da formatação total da proposta.

Quem pagava os equipamentos era a Furp, e as empreiteiras, lideradas pela Camargo Corrêa, queriam eles fazerem a compra?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A compra direta, é.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Tá.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - E, aí, pagaria a empreiteira. Isso a...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Que diferença dava isso? Iam os 13% ainda da diferença do câmbio, né?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. A do câmbio é outra coisa.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - É outra coisa.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Essa, a diferença era o recolhimento de ICMS, Cofins, PIS, essas coisas de que a Furp é isenta.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E, aí, quem comprou foi a Furp, e a Furp descontou do pagamento deles e pagou direto?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. A Furp pagava isso direto, acho que através do Banco do Brasil, se não me engano através de carta de crédito. E, pelo que eu

lembre, isso daí não era mais a minha área. Eu passava isso para a área administrativa e financeira.

O SR. CEZAR - PSDB - Só uma pergunta. O senhor disse que eram 60 milhões em equipamentos.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Mais ou menos.

O SR. CEZAR - PSDB - Vamos chegar agora a um acordo. A Furp comprando, isso caía para 50, 40, 45?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, eu não sei dizer quanto, porque isso era a cotação do dia. Era a cotação do dia.

O SR. CEZAR - PSDB - Não era... Nós não estamos falando do câmbio, nós estamos falando do desconto.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso. O desconto, eu tenho aqui que foi feito um aditamento de equipamento por equipamento, cada um, quanto custou, quanto foi prevista...

O SR. CEZAR - PSDB - Chegava a esses 60 milhões que eram de equipamentos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Aqui está, valor consolidado: 46 milhões. Esses 46 milhões é o preço dos equipamentos. Tinha algumas outras coisas no componente equipamentos que agora me fogem, mas os equipamentos, estava previsto... Valor licitado: 43 milhões de reais; valor consolidado: 46, em função do aumento daquele equipamento, sistema 10 de água purificada, que ele foi significativamente maior.

Os demais, ou manteve ou diminuiu o preço. Isso foi um relatório de visita técnica dos participantes das negociações dos equipamentos. Posteriormente a isso, foi feito o aditamento.

O SR. CEZAR - PSDB - A obra ficou em mais de 60 milhões?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não.

O SR. CEZAR - PSDB - Era isso, Sr. Presidente, que o senhor queria saber.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A obra, como um todo, teve a primeira etapa - que a deputada falou - que, ao final, ficou em 20 milhões ou 21 milhões. Essa, pacífico. Ela fez, entregou, foi recebida e está lá. A segunda etapa, que o consórcio ganhou, era a licitação 125.

Eu devo ter feito esse aditamento que implicou num acréscimo - sei lá - de três, quatro, seis por cento. Eu não lembro; de cabeça, eu não lembro, mas está tudo registrado e tudo aprovado. Depois disso, o que foi aditado e o que foi feito de reequilíbrio, eu desconheço.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor chegou a ser chamado à Furp depois da sua saída para prestar algum tipo de orientação ou esclarecimento ao seu sucessor?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, nenhum.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Quem o sucedeu deve ter feito tudo aquilo que as empreiteiras desejavam, não é?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu desconheço. Sinceramente, eu não tive mais contato. O contato que eu tive com ele foi só na...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - É porque houve a denúncia, houve uma delação premiada, em que ele solicitava propina. Ofereceram propina para o senhor?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, para mim, não.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Nunca? Em momento nenhum? E para a sua equipe?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - De jeito nenhum. A minha equipe... Direto da Furp, eram três estagiários.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Mas nunca deram a entender nada?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não. Nunca tive problema. Também creio que era impossível para o pessoal da Uniemp. Eu trabalhava junto com eles, a responsabilidade era minha, eu tocava isso com bastante (Ininteligível.) Confiava no trabalho deles.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E o Conselho da Furp, que fez a sabatina quando o senhor lá ingressou, foi convidado? A ordem saiu deles para a sua demissão?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Houve uma reunião do conselho?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Que eu saiba, não. Não, que eu saiba, não. Eu fui chamado, já sabia, porque uma (Ininteligível.) tinha ido até lá, mas fui chamado pelo Dr. Ricardo Oliva, que me comunicou e agradeceu. Foi tudo muito...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor já conhecia o Ricardo Oliva?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Conhecia de passagem, não tinha amizade, as reuniões que eu participava do Conselho, porque tudo na Furp era aprovado pelo conselho. Quando tinha assunto meu, por exemplo, um aditamento, era submetido ao conselho, e aí eu participava das reuniões do conselho para esclarecer.

Tudo era levado ao superintendente, que encaminhava para o conselho, e eu participava das reuniões quando o assunto era da área de engenharia.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E o senhor foi simplesmente chamado lá, então, pelo superintendente para falar: “Agradeço o seu trabalho, muito obrigado”.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Isso, agradeceu, tranquilo.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Não motivou?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, sem motivo nenhum. Não tinha motivo nenhum.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor é um profissional da área. O senhor achou normal isso?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu lamentei muito, porque realmente eu gosto da engenharia, sempre trabalhei com muito prazer na área de engenharia. Fui gestor de obra pública de administrações, acho que da grande maioria dos partidos políticos. Não me envolvo em política em hipótese alguma. Obviamente, eu queria ver a fábrica pronta. Não deu, não deu, paciência.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor trouxe a nós aqui várias informações muito objetivas, de tudo, do seu descontentamento. Os tratos lá com os representantes do consórcio não foram bons, mas por que o senhor acha que não queriam que o senhor viesse depor aqui?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu não sei quem e eu não sei, realmente, o porquê. Realmente, desconheço. Para mim, talvez me dá impressão, porque eu estava 13 anos sem ter notícia nenhuma, não teria nada a acrescentar. Eu, realmente, após saber que iria ser convocado, eu assisti aos depoimentos do Peixoto, do Adivar e do Mahfuz. Assisti para ter uma noção do que era, porque eu não tinha nem noção.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O que o senhor achou dos depoimentos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu não sei, não posso dizer nada, não. O Adivar, eu não tinha contato nenhum. O Mahfuz, eu conheci quando saí, quer dizer, também tive pouco contato, porque os contatos que eu tive com ele foram mínimos. O Peixoto era funcionário da equipe, mas ele era subordinado ao José Rubens.

Depois que eu saí, acho que saiu o José Rubens, e o Peixoto assumiu, mas também era um profissional muito gabaritado.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O projeto que o senhor cuida hoje monta qual valor?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Cento e... Na verdade, o financiamento do BID não é só para obras, é para a área de Saúde, tem muito investimento na área de Saúde, linhas de cuidados. O financiamento é de 118 milhões de dólares. Nós estamos terminando daqui a 30 dias um hospital que está custando 120 milhões. É um hospital, está ficando muito...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Quantos leitos tem?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - 425 leitos num hospital de urgência. Ele foi matéria do Fantástico, creio que um mês atrás, quando pegou fogo naquele hospital do Rio de Janeiro, porque eles usaram como referência esse hospital em função do sistema de combate a incêndio.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O que o senhor traz para a gente, para a CPI? Se o senhor tivesse que falar alguma coisa a mais, o que o senhor colocaria?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Uma coisa vocês podem ter certeza. Tudo que eu falei aqui foi muito espontâneo. Se eu soubesse de mais alguma coisa, eu colocaria. Tive de recorrer ao Google e mais alguns guardados que eu tinha para poder estar aqui, porque realmente 13 anos...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - O senhor poderia deixar cópia de tudo que o senhor trouxe? Esse eu já devolvi.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu gostaria que tirasse cópia. Depois, se quiser...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Se puder deixar o que o senhor tiver, a gente já tira cópia e lhe devolve, até para passar para os Srs. Deputados. O que fazer com o prédio da Furp? O senhor acha que há interesse do mercado naquele prédio?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É um senhor laboratório. Se existir... Realmente, desativado, é impossível deixar um prédio daquele. Ele é muito bem construído. Vocês vão ver aqui a primeira etapa. Eu não conheci depois da primeira etapa, eu não conheci internamente, mas o projeto é bom, a construção.

O SR. CEZAR - PSDB - Sr. Luiz, pegando o gancho do presidente, a logística da entrega do remédio, o senhor tinha conhecimento?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, não tinha.

O SR. CEZAR - PSDB - Eu recebo reclamações, por exemplo, ontem a Prefeitura de Itapeverica não entrega o remédio e, quando entrega, está no dia vencido já, tem que entregar para a população imediatamente, porque uma semana depois, está vencendo.

Na sua época, não existia...

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não, é porque eu cuidava só da área de engenharia. Essa área realmente... Tanto é que o Adivar já trabalhava na época, mas eu não tinha contato nenhum com ele, porque ele era gerente industrial da área farmacêutica. Eu não tinha contato nenhum. E ficava muito em Américo Brasiliense também.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - É uma fábrica bem montada?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - É muito sólida. Eu acho que está lá, a primeira etapa está lá...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Então o mercado farmacêutico pode ter interesse na compra daquilo, caso o governo queira se desfazer.

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Eu acho que sim. Está construída há 15 anos, a primeira etapa, que é a parte da (Inaudível.), está perfeita. Acho que não tem vício de construção, não tem falha nenhuma construtiva. Então, acho que...

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - E a de Guarulhos?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - A de Guarulhos é um complexo bastante... Acho que é antigo. Quando eu cheguei... É bonito, Guarulhos, eu gosto muito de lá, trabalhei lá muito feliz. Sem dúvidas.

O prédio 25, que foi o que nós fizemos, tinha um problema. Quando nós interrompemos o contrato da empresa que estava abandonada, ele foi construído com uma estrutura metálica que não suportava as utilidades lá em cima. Então, quando retomamos, fizemos um reforço de toda a estrutura para poder aguentar a carga das utilidades, que vêm tudo por cima da sala limpa. Mas isso foi feito, está perfeito e funcionando.

O SR. EDMIR CHEDID - DEM - Muito bem. Dou-me por satisfeito. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - AGENTE FEDERAL DANILO BALAS - PSL - Repasso a palavra a Vossa Excelência.

* * *

- Assume a Presidência o Sr. Edmir Chedid.

* * *

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Muito bem. Pergunto aos Srs. Deputados se têm mais algum questionamento ao depoente.

Sr. Luiz Roberto Beber, tem algo mais que o senhor deseja colocar, para encerrar?

O SR. LUIZ ROBERTO BEBER - Não. Só peço desculpas se não fui suficientemente esclarecedor, mas é que o tempo apaga algumas coisas.

O SR. PRESIDENTE - EDMIR CHEDID - DEM - Acho que foi bastante esclarecedor. Agradeço muito a sua presença aqui. Foi importante a sua vinda.

Comunico os Srs. Deputados que recebemos um trabalho feito pela Fipecafi sobre a fábrica de Américo Brasiliense. Isso já deve ter sido passado à assessoria dos senhores. Eu passo a fazer a leitura de um resumo para dar conhecimento aqui, um breve resumo que fizemos:

“O contrato firmado entre a CPP e a Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras - Fipecafi, teve como objeto a análise da execução da concessão administrativa para gestão, operação e manutenção da unidade de Américo Brasiliense, de modo a encontrar alternativas para a repactuação do contrato e rescisão contratual.

Dados do contrato. A PPP de 22 de agosto de 2013, a contratada foi a Companhia Paulista de Medicamentos. Prazo de concessão: 15 anos. Forma de remuneração: parcela A, valor fixo mensal a ser pago por registro de medicamentos da lista básica; parcela B, valor variável pago pela produção de medicamentos de acordo com o volume produzido com base na tabela de Preço Máximo de Vigência ao Governo, PMVG, aplicando-se o desconto de 49,99 por cento.

Diferenças identificadas entre as previsões contratuais e efetiva execução do contrato: 1. Os investimentos previstos eram de 63 milhões até o final de 2014, mas apenas 18 milhões foram executados. 2. Deveriam ter providenciado registros definitivos, mas adotaram a modalidade registro-clone. 3. Não houve pagamento de nenhum valor referente à parcela A. 4. A parcela B foi paga tendo como base os valores das atas de registro de preços da Bolsa Eletrônica de Compras do Estado de São Paulo - BEC, gerando um valor pendente de 72 milhões de reais. 5. A quantidade adquirida de medicamentos inferior ao previsto no contrato.

Desde a assinatura do contrato, houve a queda nos valores das compras dos medicamentos junto ao mercado privado, o que justificou a compra por ata de registro de preço e pela BEC, aproximadamente, por um terço do valor contratado.

Alternativa de soluções analisadas. 1. Recomposição do equilíbrio econômico-financeiro. Consideraram duas possibilidades de recomposição: subir o desconto de 49,99 para 61,62%, sem a realização dos investimentos pendentes. 2. Subir o desconto de 49,99 para 57,4% com a reprogramação do cronograma de investimentos pendentes.

Conclusão sobre essa alternativa: redução máxima que conseguiriam na remuneração do reequilíbrio econômico-financeiro do contrato seria de 23%, insuficiente para reverter o quadro, frente distanciamento do valor de medicamentos do mercado. Ou seja, o contrato continuaria demasiadamente oneroso para o poder concedente.

2. Repactuação do contrato: realinhamento de preço praticado no contrato com as condições de mercado, com a revisão da lista básica de medicamentos e redefinição da demanda da assistência farmacêutica. Alguns medicamentos demandariam tempo para desenvolvimento e obtenção de registro.

Conclusão sobre essa alternativa: as revisões seriam tão profundas que justificariam uma nova licitação.

3. Rescisão do contrato: a concessionada deveria, a título de indenização ao poder concedente, 61 milhões e meio, em razão da recomposição do equilíbrio econômico-financeiro. Já o poder concedente deveria 16,9 milhões a título de investimentos não amortizados. Compensando esses valores, a concessionária deveria 44,6 milhões à Furp. A Furp tem pendentes 72,3 milhões não pagos à CPM. Assim, compensados os valores, a indenização devida pela Furp à CPM seria de 27,7 milhões, mais multa e juros de mora.

Conclusão sobre essa alternativa: com a rescisão do contrato da Furp, deveria, a título de indenização, com compensação da dívida da Furp com a CPM, 27,7 milhões, acrescentados os valores relativos a multa e juros por atraso dos pagamentos.

Estimaram que a rescisão do contrato da PPP representaria uma economia anual de 60 milhões de reais. Indicam que o custo de manutenção da unidade seria de 3,9 milhões por ano e concluem que esse custo poderia deixar de ser um ônus se o poder concedente der outro uso ou mesmo a venda da unidade de Américo Brasiliense.

A CPM apresentou à CPI Furp memória de cálculo da dívida da Furp, que, em 16 de setembro de 2019, alcançava 97,7 milhões, com multa e juros.

Assim, seguindo a lógica da conclusão do estudo da Fipecafi, concluímos que o valor devido de indenização, na hipótese de rescisão, seria de 53 milhões de reais.” É o que o estado deveria pagar à CPP.

Isso é um resumo que minha assessoria fez do relatório encaminhado do governo para a CPI.

A gente tem no programa a entrega dos sub-relatórios amanhã. Conversando com a nobre deputada Beth Sahão, ela solicitou que a entrega desses relatórios pudesse ser feita na quinta-feira à tarde. Os senhores concordam com isso? E aí temos que definir se a leitura de cada relatório, dos quatro sub-relatórios, será feita em uma próxima reunião ou não. Então, os nobres deputados fariam a entrega até quinta-feira, a gente dá publicidade desses relatórios para que o relator final possa fazer o seu relatório final.

Existe uma reunião amanhã, que então fica cancelada em função da entrega desse relatório na quinta-feira. (Fala fora do microfone.) Acho que entregar na comissão, Excelência, até o final da tarde.

Nada mais havendo a tratar, dou por encerrada a presente reunião, agradecendo a presença de todos.

Serviço de Registro e Revisão Taquigráfica (SRRT)

* * *